

Tem céu no fundo do mar.

Essa frase chegou até aqui vinda diretamente do nada, aquele lugar que tem sempre algo importante a dizer. Quando ela apareceu eu andava estudando Heidegger, ou ao menos era o que pensava fazer enquanto a cada parágrafo previa um choque, um frear e parar tudo, um respirar fundo. Um mundo novo, antimoderno, se descortinava. Vinha como uma onda, trazendo também angústia junto com a espuma, mostrando que o privilégio dela, da angústia, era ver o Mundo assim, com letra maiúscula. Daí o caixote, o céu no fundo do mar. Mas tinha muito mais coisa dentro dessa frase. Nessa frase, na verdade, e muito cuidado com essa palavra, cabia o mundo.

Paro por um instante, como quem fita as asas de um beija-flor e fixa a cena em constante movimento apenas para admirar sua imobilidade, sua paragem de permanente ebulição. Tem céu no fundo do mar. À primeira vista esse pode parecer apenas um jogo de palavras vazio. No entanto, esse vazio é cheio justamente porque deixa vaziar. Num desague constante, vaza compreensões que ficam do outro lado da janela da lógica, no outro vão da cortina, na linha que divide o mar da superfície, na medida elástica do que há entre a terra e o céu.

Respiro até encher bem os pulmões. Pretendo descer corajosamente sem garrafão de oxigênio até o escuro do fundo do mar, lá onde também tem céu.

Acostumado a dispor de dualidades num tabuleiro de xadrez, o pensamento moderno parece ter esquecido, entretanto, de refletir sobre os opostos. Parece ter desaprendido, aliás, a refletir sobre qualquer coisa que seja. Calcular é mais sedutor: os números nunca sonégam respostas. Mas se quisermos entender como pode haver céu dentro do mar e, mais, como essa suspeita sentença pode descrever o mundo heideggeriano, é preciso algum fôlego em apneia. Ou, como diria o filósofo, é necessário um pensamento que medita.

Não fosse a escuridão do fundo do mar, não haveria a luz. Não houvesse dia, não haveria noite. Toda manifestação traz em si a diferença. Tudo que *é*, o *é* na tensão do contrário. O contrário, então, é parte constituinte do seu par oposto. O limite também é onde alguma coisa dá início à sua essência.

A razão de ser de uma casa, aprendo, é o espaço. Onde, logo, ela *não é* casa. O sentido de uma jarra é conter um líquido e depois despejá-lo: ela é jarra, na sua essência, portanto, justamente onde não há barro nem cerâmica. Quem abre para mim a condição de ser é o que *não sou*.

Que é o mundo, assim, senão uma concepção da existência? Na clareira heideggeriana, mundo é significância, remetimento, rede. É a ordem de sentido que torna a existência compreensível para nós. O mundo é estância zero, anterior mesmo à natureza – a todo oceano. Sem ele não há o que entender de uma rede de sentidos que desagua na sua própria maré. A nossa frase já está *no* mundo, no mar e no céu, e é de dentro deles que a olhamos. Isso é ser-no-mundo, o inescapável *dasein*. Assim como a morada do homem inclui sua essência, o ser só é ser-em.

Enxergar o céu no fundo do mar, então, depende de uma postura fenomenológica e artística. O ser, aqui, é a terra, e não o sujeito. Também não é o planeta nem o elemento. É o que se oculta no mundo e, ao mesmo tempo, num paradoxo crivado de sabedoria, é responsável pelo seu aparecer. No estranho jogo da verdade, a terra, suporte e mistério inexplicável da nossa existência, resistente ao pensamento racional, é o visível que faz o invisível aparecer.

O ser da onda é o quebrar-se na praia, é estar impelida a fazê-lo. Existir, etimologicamente, é ser jogado para fora, ser jogado para a luz. A terra, assim, é o que existe de fato e por si mesma, independente de seu observador. É através dela, na sua tensão com o mundo, que conhecemos a existência. A verdade é um processo pulsante que aparece nos entes, ao vivo

e a cores, explodindo no âmbito da vida material. Está neles, nos entes, o ser, que não é alguém, mas um *sendo*. Não há rede de pesca capaz de capturar a existência, e o ente intramundano tem tão pouca importância que só o mundo se impõe.

O *sendo* do mar inclui guardar o reflexo do céu, sem o qual ele não seria mar. Só conhecemos o mar porque, por um acaso histórico e apesar da tentativa dos Beatles, não vivemos em submarinos amarelos. No jogo de revelar e ocultar, tudo que aparece, aparece se escondendo. Se o mar aparece, é porque o céu o resguarda enquanto se esconde. Sua recusa em aparecer está presente no mar, tanto quanto a sombra também está na claridade.

É assim que a fenomenologia mostra o caminho pelo qual algo aparece, aquele em que se trava o bom combate, o de submergir e emergir num movimento de redução ao que é mais essencial e puro. Se no fundo do mar tem céu, é também nele que respiramos, e por isso a busca pela coisa nela mesma, não mais em mim.

Para deixar algo aparecer, é preciso parar e aguardar. Pede-se a calma e o silêncio do fundo do mar. A postura fenomenológica, abrindo espaço para a arte, é uma pausa na filosofia.

É a hora de descrever, que pode ser relatar, narrar, detalhar; mas também pode ser, agora entendo, *descrever*, desfazer a escrita, desviá-la, realizar uma ação contrária. Abrir espaço para os opostos. Descrever o céu e o mar é escrevê-los de novo, de outro lugar, e é a própria frase que retira o véu do mar, fazendo erigir nesse processo a palavra, terra do escritor, roda dinâmica de aparições da verdade que não se cristaliza, mas se dá historicamente. Verdades também morrem.

Falei sobre o céu e o mar porque negociei com o silêncio e, sem saber, aguardei. Aprendi com Heidegger que o habitar humano funda-se no

poético. Mesmo os lugares do mundo só aparecem como tais na linguagem. A verdade se ancora na terra e na tinta. A literatura faz o mundo aparecer.

“A morada dos homens em meio aos entes é bem estranha, para não dizer extraordinária. Esta morada pressupõe um lugar cuja localidade não está, de imediato, dada ao homem. Por isso, o homem deve se pôr a caminho, no sentido de buscar questionar esse lugar de sua essência.”

Heidegger

A morada do homem é o fundo do mar.

*Jason deCaires Taylor, 2010. Escultura aquática.*

